



“Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro.

Helder Remigio de Amorim¹

Este artigo tem como proposta central trazer algumas reflexões sobre a minha tese de doutorado que estudou a trajetória de Josué de Castro, procurando compreender como se construiu como intelectual e político entre as décadas de 1930 e 1970. O interesse pela temática surgiu por meio de leituras sobre a obra de Josué de Castro, realizadas durante o estágio à docência no curso de Mestrado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura (UFRPE), quando no curso de Gastronomia lecionei a disciplina de História da Alimentação. Naquele momento de elaboração da ementa da disciplina, notei que a bibliografia aplicada em outros semestres tratava a história da alimentação como uma área técnica, sem inferir na dimensão social dos processos alimentares. Um questionamento surgiu: já que iria trabalhar a alimentação, não poderia deixar de problematizar a ausência dela, em outras palavras, pretendia colocar em pauta o tema da fome na disciplina.

Alguns meses passaram e o livro *Geografia da Fome* (1946) se tornou uma importante referência para meus estudos, sobretudo quando tive que problematizar relatos de memória oral na pesquisa que ora realizava para a dissertação de mestrado (AMORIM, 2011). A fome era assunto recorrente na elaboração das memórias de comerciantes de alimentos do sertão de Pernambuco. Desde então, passei a me interessar pelas produções e principalmente pelo acervo de Josué de Castro. Em diálogo com interlocutores tive a informação de que o acervo pessoal de Josué de Castro estava em fase de transferência do Centro Josué de Castro² para a Fundação Joaquim Nabuco -

¹ Professor do Departamento de História e do Mestrado Profissional em História da UNICAP e Professor do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE).

² “O Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro é uma entidade de direito privado sem fins lucrativos, que tem por objetivo contribuir para a construção e fortalecimento da democracia e da cidadania na perspectiva do acesso aos direitos humanos, através da pesquisa e da intervenção social. Foi fundado em 1979 por pesquisadores pernambucanos, alguns ainda no exílio e vinculados a diferentes Universidades, todos compartilhando do mesmo ideal de contribuir para a retomada da democracia em nosso país. A escolha do nome foi motivada pela identidade intelectual e humana com Josué de Castro, especialmente a independência, espírito crítico e compromisso com o processo de conhecimento e transformação da realidade. Trata-se de uma homenagem ao grande humanista pernambucano que se dedicou à luta contra

Fundaj, instituição que me proporcionou grandes aprendizados quando fui estagiário ainda nos tempos de graduação. A Fundaj, prontamente viabilizou o desenvolvimento da pesquisa na parcela do acervo que já estava tratada e acondicionada.

A motivação para desenvolver a pesquisa também foi aguçada quando verifiquei que na área de história poucos trabalhos acadêmicos tinham se dedicado a estudar Josué de Castro considerando a sua dimensão histórica. Por outro lado, uma vasta produção sobre este autor foi desenvolvida em outras áreas do conhecimento, principalmente nas ciências sociais, na geografia e na nutrição. A produção do “já dito” trouxe uma complexidade maior para a pesquisa, pois era preciso compreender quais os caminhos de escrita e problematizações se aproximavam daquilo que eu pretendia realizar. O principal questionamento teórico esteve relacionado sobre como operar a dimensão do sujeito histórico em Josué de Castro, pois uma grande parcela das teses e dissertações não trabalhavam com a ideia de multiplicidade do sujeito, tendo, em alguns casos, cristalizado e reproduzido narrativas míticas em torno da figura de Josué de Castro (GUIMARÃES NETO, 2011, p. 54). Nesse sentido, estudar uma trajetória não significa estar preso às amarras do plano individual, mas sim perceber as construções entre a personagem e o período estudado, analisando as tensões, as relações de poder e os horizontes de expectativa.

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, presidente do Conselho Consultivo da FAO³, deputado federal, embaixador, e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento, em Paris (CID). Em relação à dimensão política e social do seu pensamento, desenvolveu ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e de solo. Destacam-se, no âmbito dos debates acerca da sociedade brasileira, os estudos de Josué de Castro sobre as condições alimentares da

as causas que originam a fome e a pobreza no mundo”. Disponível: www.josuedecastro.org.br. Acessado em 10 de maio de 2015.

³ Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura com sede em Roma-Itália.

população e as análises referentes à estrutura agrária do país. Para desenvolver esses temas, Castro se situou academicamente no campo de saber da geografia.

Para problematizar as minhas proposições se faz necessário apresentar algumas informações sobre a produção de Josué de Castro. A sua obra foi traduzida em 25 idiomas, ganhou repercussão internacional, principalmente quando publicou *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951), livros que circularam com destaque tanto nos Estados Unidos da América como na União Soviética, em tempos de Guerra Fria. No início da década de 1960, estima-se que sua obra havia vendido mais de 400.000 exemplares em todo mundo. Assim sendo, suas ideias estiveram voltadas, desde a década de 1930, para a compreensão do fenômeno da fome que considerava ser fruto da exploração do homem pelo homem.

Nesse sentido, estudar a trajetória de Josué de Castro significa contribuir para uma melhor compreensão da sua produção intelectual marcada pelos acontecimentos da experiência democrática brasileira de outrora, mas também se fez presente nos anos 1990 e início dos anos 2000.

Desde o período de Redemocratização, na década de 1980, os debates em torno das políticas de distribuição de renda, justiça social e cidadania entraram novamente na ordem do dia. Alguns programas sociais como o movimento Ação da Cidadania contra a Fome, idealizado pelo sociólogo Herbert de Souza na década de 1990, assim como o programa Fome Zero criado durante o governo Lula em 2003, representam as principais experiências. Esses programas permeiam não somente o pensamento de muitos intelectuais que discutiram a relação entre o Estado, população, território e alimentação, mas também significam a retomada das ideias de Josué de Castro no que concerne aos programas governamentais de segurança alimentar.

Durante a década de 1950, Josué de Castro foi deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Pernambuco por duas legislaturas. Na sua atuação enquanto deputado defendeu a criação de uma reserva de alimentos no Brasil para os momentos de crise, a desapropriação de terras por interesse social, além de um plano nacional de alimentação e de merenda escolar. Destaca-se ainda a sua preocupação com a reforma agrária e a aproximação com os movimentos de trabalhadores rurais,

especialmente com as Ligas Camponesas. Josué de Castro participou dos debates que criaram a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e combateu enfaticamente o modelo de desenvolvimento adotado pelo governo de Juscelino Kubistchek.

Em 1962, Josué de Castro renunciou ao mandato de deputado federal por ter sido nomeado, pelo então presidente João Goulart embaixador do Brasil para assuntos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra. No entanto, dois anos depois, foi destituído do cargo com o golpe civil-militar de 1964. Assim como muitos intelectuais e políticos, Josué de Castro teve seus direitos políticos cassados. Naquela ocasião, vários países lhe ofereceram asilo político, mas a França foi o país escolhido por ele para viver. Lá Josué de Castro teve destacada atuação intelectual como professor da Universidade de Vincennes e presidente de um organismo que pretendia criar alternativas de desenvolvimento para os países mais pobres, o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID).

A tese intitulada *“Um pequeno pedaço do incomensurável”*: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro, insere-se em uma discussão historiográfica que pensa as trajetórias e biografias a partir da perspectiva da multiplicidade do sujeito, com o objetivo de produzir uma narrativa que possibilite novos questionamentos e interpretações. Desse modo, analiso Josué de Castro em sua pluralidade, pois como afirmou o historiador François Dosse: “a prática do historiador está, pois, por princípio, aberta a novas interpretações, a um diálogo sobre o passado aberto para o futuro” (DOSSE, 2009, p. 409-410).

Penso em que medida os estudos de Josué de Castro, voltados para a problemática da fome, da miséria, da condição social dos trabalhadores, contribuíram para a formação de imagens de um intelectual e político preocupado com as questões sociais. Desse modo, interessa-me, também, analisar os fios, as redes, as teias que este personagem construiu para ocupar cargos públicos nacionais e internacionais que foram fundamentais para que se projetasse como intelectual e político (CHARTIER, 2002, p. 22-60) em uma dada configuração do Estado nacional brasileiro.

Entre as décadas de 1930 e 1960, o Estado brasileiro passou por um processo de constituição por meio do nacional-estatismo. Essa cultura política foi marcada por um Estado controlador e intervencionista que produziu políticas públicas desenvolvimentistas e regulou o mercado. A formação de uma aliança entre Estado, empresários e trabalhadores foi a base de sustentação desse modelo. As direitas se opuseram a esse projeto nacionalista, que atraiu setores da esquerda, e passaram a combatê-lo duramente⁴.

A formação desse modelo de Estado no Brasil, propiciou o engajamento de muitos intelectuais que se inseriram em projetos políticos e estatais. Josué de Castro, durante o primeiro e o segundo governo de Getúlio Vargas participou de políticas públicas ligadas ao setor da alimentação e da nutrição. Posteriormente, no governo de Juscelino Kubistchek, como deputado federal, defendeu a reforma agrária, e a criação da SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste). Durante o governo João Goulart, se tornou Embaixador do Brasil em Genebra. Nesse sentido, acredito que Josué de Castro foi se construindo enquanto intelectual e político, por meio do engajamento aos projetos do Estado nacional-estatista no Brasil. A partir do golpe civil-militar de 1964, o Estado brasileiro rompeu com esse modelo e as ideias e práticas políticas de Josué de Castro não tiveram mais lugar na configuração política que se apresentou. A relação de Josué de Castro com os projetos do nacional-estatismo será abordada no decorrer deste trabalho.

Estudar uma vida, uma trajetória, itinerários e percursos biográficos significa pensar as personagens como figuras que estão se constituindo, experimentando-se, influenciadas pelas demandas sociais do seu tempo. No passado, as biografias e trajetórias eram pensadas a partir de uma história exemplar, onde a produção da escrita estava condicionada à construção de mitos e modelos de conduta. Da maneira como penso a escrita biográfica, os autores, os intelectuais, os políticos não são mais objetos

⁴ A interpretação da formação do Estado nacional-estadista no Brasil foi problematizada principalmente a partir da leitura da coletânea *História do Brasil Nação*, especificamente o volume 4 coordenado pela historiadora Ângela de Castro Gomes e o volume 5 coordenado pelo historiador Daniel Aarão Reis.

de culto, mas sim um campo de pesquisa, de possibilidade da utilização de novos métodos e interpretações (DOSSE, 2009, p. 19-53).

Desse modo, destaco um aspecto que deve ser lembrado na elaboração da escrita de uma trajetória. A relevância das incertezas da vida, do inapreensível, da indefinição do horizonte de expectativa. Desse modo, “a possibilidade de uma individualidade fixa, unitária e coerente parece então se perder em meio a uma pluralidade de identidades, referências, locais” (AVELAR; SHIMIDT, 2012, p. 71). A dimensão plural de uma vida não permite o enquadramento em uma narrativa linear, pois é dotada de múltiplas representações e sentidos. Cabe ao historiador apontar para o leitor as possibilidades daquilo que poderia ter sido, das bifurcações, dos (des)caminhos, das escolhas.

No que diz respeito às discussões teóricas, acredito que as concepções de Michel Foucault são importantes para analisar o conceito de intelectual, contribuindo para a compreensão de como as ações de Josué de Castro se legitimaram a partir das relações entre o saber e o poder (FOUCAULT, 2011, p. 71). Nesse sentido, analiso as dimensões do intelectual e do político, de modo algum distanciando-os, mas buscando aproximações e similitudes. Por outro lado, na problematização de Josué de Castro como um polímata, se pretende entender como transitou e buscou ferramentas metodológicas para situar o seu pensamento por meio de uma proposta interdisciplinar, principalmente atrelada à geografia e à nutrição. Nesse sentido, o conceito de campo intelectual de Pierre Bourdieu possibilitou compreender as disputas, limites e escolhas de Josué de Castro na vivência como professor universitário, e escritor, bem como me auxiliou a pensar o seu lugar de fala (BOURDIEU, 2004, p. 23).

Analisar a problemática relativa aos arquivos e sua importância para a pesquisa histórica tornou-se uma questão necessária para esse trabalho. No arquivo o historiador reúne rastros, fragmentos, pedaços do passado inspirado pelas questões do presente, para realizar a operação historiográfica (CERTEAU, 2007, p. 66). O arquivo é complexo em sua materialidade, principalmente quando se dimensiona as diversas temporalidades e regimes de historicidade que habitam os documentos. É a partir dessa prática complexa, permeada por regras e estatutos, que o historiador se debruça sobre o mundo dos documentos em busca de questões que norteiem as suas pesquisas.

Josué de Castro produziu inúmeros registros das suas atividades, abarcando sua produção intelectual, de homem público e da vida pessoal (RICOUER, 2007, p. 177). São muitos os fragmentos documentais que se estendem temporalmente, dos primeiros anos do curso de Medicina iniciado na Bahia na década de 1920, até a repercussão da sua morte em Paris, 1973. Um arquivo pessoal é compreendido como um lugar de produção, um dispositivo detentor de uma ação estratégica atrelada às relações de poder. Nesse sentido, um arquivo pessoal possui peculiaridades distintas em relação a um arquivo eminentemente institucional, principalmente nos processos de classificação e seleção do que deve ou não deve ser preservado (HEYMANN, 2012, p. 179).

Josué de Castro e seus familiares se preocuparam em guardar documentos ligados as suas atividades profissionais e pessoais. A maioria da documentação foi organizada e catalogada inicialmente por Glauce de Castro, sua esposa, porém contou também com o acompanhamento e participação do próprio Josué de Castro, que demonstrava interesse pela atividade de guardar e preservar sua própria memória. A constituição desse arquivo pessoal contou, ainda, com colaborações de amigos, jornalistas que enviavam recortes de jornais, cartas, relatórios, livros e que, ao longo dos anos, foram compondo o acervo⁵.

A partir da pesquisa e da leitura dos documentos do acervo pessoal Josué de Castro, salvaguardado atualmente pela Fundação Joaquim Nabuco⁶, pude compreender como se deu o processo de autoconstrução de Josué de Castro a partir do trânsito entre campos do saber, bem como a escolha dos objetos das suas pesquisas⁷. A partir do avanço da pesquisa, elegi temas e subtemas que passaram a fazer parte das discussões

⁵ A organização e catalogação do acervo documental no Centro Josué de Castro contou com a colaboração de vários profissionais que realizaram importantes intervenções arquivísticas. Porém gostaria de destacar a relevância e dedicação do Professor Denis Bernardes (*in memoriam*), profundo conhecedor do acervo e da obra de Josué de Castro.

⁶ É importante destacar que entre 1987 e 2010 o acervo pessoal Josué de Castro esteve salvaguardado pelo Centro Josué de Castro. Em 2011 um termo firmado entre o Centro Josué de Castro e a Fundaj viabilizaram a doação do acervo.

⁷ “Desde 2011, o arquivo privado de Josué de Castro encontra-se sob os cuidados da Fundação Joaquim Nabuco, instituição veiculada ao Ministério da Educação. O arquivo é formado pela biblioteca particular de Josué de Castro, documentos textuais (produção intelectual, recortes de jornais, correspondências) e fotografias. O acervo está disponível à consulta no Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira – CEHIBRA, que fica localizado no Recife. O acervo é composto por aproximadamente 30.175 documentos”. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco – CEHIBRA.

iniciais sobre a estrutura da tese. Apesar da riqueza e diversidade do acervo pessoal em questão, esses pressupostos foram fundamentais para perceber a necessidade de entrecruzamento com outros acervos de pesquisa.

Um detalhe importante sobre a composição do acervo pessoal de Josué de Castro é que a documentação está mais concentrada entre as décadas de 1940 e 1970, período em que se tornou escritor de obras que circularam internacionalmente, estabeleceu redes intelectuais em diversos países, e passou a acumular um maior número de documentos. Desse modo, a necessidade de cruzamento de informações com outros acervos documentais, inerente à pesquisa acadêmica, também se faz obrigatória no que concerne ao período em que Josué de Castro se formou em medicina, no Rio de Janeiro em 1929, perpassando por toda a década de 1930, até a publicação de *Geografia da Fome* em 1946, principalmente pela fragmentação e ausência de documentos desses momentos históricos. Esse foi o caso das pesquisas realizadas em outros estados brasileiros, bem como na França, onde Josué de Castro viveu o exílio.

No entanto, a diversidade documental, as inúmeras possibilidades de pesquisas, as muitas histórias a serem contadas, não podem se transformar em “um culto ao arquivo”. O historiador necessita buscar estratégias para não ceder, pois a “obediência cega à positividade do arquivo, a seu poder absoluto, leva tanto a uma impossibilidade da história quanto a recusa do arquivo” (ROUDINESCO, 2006, p.9). Ao mesmo tempo analisar o arquivo como um dispositivo que possibilita a criação de uma auto-imagem de Josué de Castro se faz latente, onde se percebe a intencionalidade do titular em demarcar a multiplicidade de sua própria imagem.

Na tessitura desse trabalho estive atento a dimensão histórica, lembrada principalmente por meio da relação entre o indivíduo e o tempo vivido. Os acontecimentos e as demandas sociais que marcaram uma grande parte do século XX foram preponderantes para constituir o sujeito Josué de Castro. As redes intelectuais e políticas e as experiências em diversos campos do saber surgem como um caleidoscópio e apontam tanto para o acervo como para a dimensão múltipla da personagem em questão. Afinal, cada um de nós deve ser compreendido como “um lócus no qual uma

incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais que interagem entre si” (CERTEAU, 2008, p. 38).

Referências Bibliográficas

- AMORIM, Helder Remigio de. *Entre a mercearia e o Supermercado: Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2011.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da história, escrita biográfica: das possibilidades de sentido. In: ____, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BUÉ, Alain. PLET, Françoise. *Alimentation, environnement et santé*. Paris: Editions Ellipses, 2010.
- CASTRO, Josué de. *A Alimentação brasileira à luz da geografia humana*. Porto Alegre: Globo, 1937.
- _____, Josué de. *Geografia da Fome*. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.
- _____, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.
- _____, Josué. BUÉ, Alain. ZANONI, Magda. *Ecologie Humaine du Tiers Monde*. Cités Unies, Paris, avril/mai de 1970.
- _____, Josué. *Documentário Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História e escrita do tempo: questões e problemas para a pesquisa histórica. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014.

HEYMANN, Lúcia Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Francisco Julião: em luta com seu mito, golpe de Estado, exílio e redemocratização do Brasil*. Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Análise e o Arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *A trajetória política de Francisco Heráclio do Rêgo*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.

ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Geopolítica da Fome. São Paulo: Cortez, 2013.